



V. 11 N. 1 DEZEMBRO DE 2024

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Baixe a versão digital desta e de todas as edições anteriores do Histórias que Merecem ser Contadas no site www.sapucaia.ifsul.edu.br ou acesse diretamente pelo QRCode ao lado.



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Campus Sapucaia do Sul



Curso Técnico em
Administração

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas 

VOLUME 11: Quem somos?

ISSN 2764-0434

Hist. Que mer. Ser cont.	Sapucaia do Sul	v. 11	n. 1	p. 1-64	2024
--------------------------	-----------------	-------	------	---------	------

© 2024. Instituto Federal Sul-rio-grandense — Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense — Câmpus Sapucaia do Sul

Av. Copacabana, 100 — Piratini

Sapucaia do Sul — RS

CEP 93216-120

Telefone: (51) 3452-9200

E-mail: ss-ccs@ifsul.edu.br

Organizador:

Felippe de Oliveira Tota

Projeto gráfico e diagramação:

Larissa da Mota da Rosa

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 11, n. 1, (dezembro, 2024). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-

Semestral

1. Literatura — Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos — Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Rosinei Elizabete Miozzo Klein – CRB 10/879

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
por Felipe Tota	5
2024 - 1. CONSTRUÇÃO DE QUEM SOMOS	7
GABRIELA	
por Ângela Maria Horn Pereira	8
A INÉRCIA DO DESASSOSSEGO	
por Carla Josiele Munhoz Lima	10
O MILAGRE	
por Ceres dos Reis Ferreira	11
TÂNIA	
por Fabiana de Oliveira da Silva	13
LAURA	
por Jaqueline Lima da Silveira	16
FLORIZINHA	
por Juliane Bueno Machado	17
SUPERAÇÃO	
por Naman Machado de Oliveira	19
A SENSIBILIDADE DE MARIA	
por Rosane Paz Moraes	21
CLARINHA	
por Tainá Machado Bueno	24
A FLORESTA E A ALMA PERDIDA	
por Vanessa da Fontoura de Oliveira	26
2024 - 2. PARTE DE QUEM SOMOS	28
MUNDO DE TRANSFORMAÇÃO DE VIDA	
por Adriana da Silva Farias	29

UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE	
por Andrise Josiane Ferraz Oliveira -----	31
BRENDA E SUAS REVIRAVOLTAS	
por Brenda de Lacerda de Souza -----	34
TEXTO DE BRUNA DOS SANTOS DOS ANJOS	
por Bruna dos Santos dos Anjos -----	36
CONSTRUÇÃO DE PONTES DURANTE A TEMPESTADE	
por Caroline Pinto de Oliveira -----	39
A HISTÓRIA DE MARIA	
por Fernanda da Silveira -----	42
A HISTÓRIA DE GRASIELA	
por Grasiela Honório Gonçalves -----	43
A MENINA MULHER	
por Josilaine Benetti Diniz -----	46
SUPERAÇÃO	
por Jaqueline Rosângela Machado da Silveira Fontoura -----	49
A HISTÓRIA QUE ME FEZ SER QUEM SOU	
por Lauronise Rodrigues da Silva -----	51
SUPERAÇÃO	
por Leandro Lopes Mello -----	55
EM BUSCA DE UM SONHO...	
por Luciana Joaquim de Moraes -----	57
TEXTO DE MAICON DA SILVA BASEGGIO	
por Maicon da Silva Baseggio -----	59
MONIQUE	
por Mariele Simões Lemos -----	59
UM DESAFIO E UMA ESPERANÇA	
por Pamela Palhano Menger -----	63

APRESENTAÇÃO

por Felipe Tota

*Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.*

(Trecho do poema “Viagem na Família”, de Carlos Drummond de Andrade)¹

É com muita satisfação que apresentamos o décimo primeiro volume do livro “Histórias que Merecem Ser Contadas”, com as narrativas construídas no projeto de mesmo ano, desenvolvido ao longo de 2024. Os textos foram escritos por estudantes das **turmas 4F** (2024-1 e 2024-2) do curso de Administração do Instituto Federal Sul-rio-grandense — Câmpus Sapucaia do Sul.

Quando aceitei participar deste projeto, ainda não imaginava as possibilidades de redescobri-lo. Mesmo conhecendo as edições anteriores — sempre primorosas e bem-sucedidas —, perguntei-me de que forma poderia contribuir para oferecer, junto aos meus estudantes, um trabalho à altura. Posso dizer que fui surpreendido pela potência das alunas e alunos da EJA, que, por já serem autônomos na vida, também demonstraram essa autonomia na escrita, na aprendizagem, no fazer e no ser.

Ao longo dos dois semestres, concentramos nossos trabalhos no tema “Quem somos?”, buscando entender nosso potencial como cidadãos/cidadãs e escritores. Para isso, precisávamos refletir sobre os elementos e as pessoas que fazem parte da construção de nossa identidade. Junto às turmas, escolhi os eixos “Construção de quem somos” e

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

“Parte de quem somos”, para que, a partir de suas memórias e experiências, cada estudante pudesse criar uma narrativa cativante. Esse resgate da memória nos levou a momentos de reflexão sobre a importância de valorizar nossas histórias e as pessoas que, de alguma forma, moldam quem somos. O resultado desse processo está aqui, registrado em palavras.

Em primeiro lugar, agradeço aos estudantes. Sei que escrever não é uma tarefa simples e, como sempre conversamos, exige constância. Apesar das dificuldades que enfrentamos neste ano — refiro-me aqui principalmente às enchentes no Rio Grande do Sul, que nos colocaram em uma situação de extrema vulnerabilidade —, fomos resilientes e conseguimos fazer este trabalho acontecer. Vocês se permitiram olhar para si mesmos, investigar suas trajetórias e compartilhar histórias que mostram quem são e com quem se tornaram parte do que são.

Agradeço também ao corpo docente que me apoiou nessa jornada, em especial às professoras **Suzana Trevisan** e **Vanessa D’Agostin**, que conceberam e lideraram o projeto nos últimos anos. Ambas confiaram a mim a responsabilidade de continuá-lo, me mostrando que, antes de ser um exercício de escrita, este é um trabalho de escuta.

Meu reconhecimento se estende ainda ao Diretor-Geral do câmpus, professor **Fabio Lemes**, ao Chefe do Departamento de Ensino, **Marcelio Diogo**, e a todos os profissionais da Gestão que tornaram possível a materialização deste projeto.

Esperamos que estas histórias sirvam ao leitor como entretenimento, acolhimento, estímulo. Acima de tudo, que as narrativas preencham, de forma positiva, parte do que cada um se tornará a partir delas.

2024 - 1
CONSTRUÇÃO DE
QUEM SOMOS

GABRIELA

por Ângela Maria Horn Pereira



Gabriela, nascida na cidade de Ijuí, em 1981, primogênita de um casal de agricultores, teve que interromper os estudos no 6º ano do ensino fundamental, para ajudar os pais nos plantios de soja. O tempo foi passando e ela não voltou mais a estudar, pois logo casou-se. Depois de um ano e meio, engravidou e, com o nascimento da filha, precisou trabalhar de faxinas.

Com o passar do tempo, ela e o marido deram início a uma empresa, uma mecânica de caminhões, na qual o começo foi de muitas dificuldades... Mas os anos passaram e tudo foi dando certo: eles saíram do aluguel, para o local certo próprio deles e tudo foi construído tijolos por tijolos, ficando do jeito que eles haviam sonhado.

Então veio a traição: eles se separam. No começo, ela ficou sem chão, pois não tinha estudo para começar um bom emprego. Até que ela teve o apoio da irmã terceira Geisa, que a incentivou a retomar os estudos.

Ela dizia “vai, nunca é tarde para um novo começo” e, então, me passou o contato da escola Paul Harris. Ela fez a matrícula e logo começou a estudar de forma on-line. Na verdade, ela tinha o sonho de fazer o ensino médio, junto de um curso técnico em Administração, mas achava impossível.

Em uma certa noite, na aula com o professor Fernando, à convite da supervisora Claudéci, os alunos se

dirigiram ao refeitório para uma proposta de dois cursos. O professor Guilherme, do Instituto Federal do câmpus, Sapucaia do Sul, junto das professoras Daniela e Patrícia, nos apresentaram os cursos, de operador de computador e agente cultural. Gabriela, escolheu operador de computador. Para ela, era o começo de um sonho que se realizava; assim, não pensou duas vezes, fez a inscrição, através do link e, em alguns dias, ela foi selecionada a fazer o curso.

Em outra noite, conversando com um dos professores do IF Sul, Guilherme, ela foi informada sobre a oportunidade de fazer o ensino médio, com técnico em administração no Instituto Federal do Campus de Sapucaia do Sul, e aceitou prontamente a oportunidade..

Dias depois, a professora do curso a levou, junto a dois colegas, para fazer a matrícula diretamente no Instituto Federal. Lá foram recebidos pela coordenadora do curso. Depois de se inscrever, bastava aguardar a resposta da seleção. Em pouco tempo, chegou, em um e-mail, a resposta: “você foi selecionada a fazer uma redação para a seleção do curso”. Dali por diante, um grande sonho começa a se tornar realidade. Um grande sonho, um sonho tão sonhado durante a sua adolescência. Hoje Gabriela já cursa o 4º semestre do ensino médio com o técnico em Administração e ela diz: ”nunca deixe as oportunidades passarem, porque ela nunca bate duas vezes na mesma porta”.

A INÉRCIA DO DESASSOSSEGO

Por Carla Josiele Munhoz Lima

O dia em que ela observou que a “marvada” da morte a levaria, pois estava ela naquele cenário onde a lábria era envolvente e, ao mesmo tempo, cabulosa. Ela se sentia tão confortável com seu corpo, alma e coração que foi assim se perdendo, nesse mundo oculto e fabuloso, que não haveria a ela mais dor, nem emoções. Seria assim, ela, uma criança, com o sono leve e pesado.

Assim pensava ela, mas, tardiamente, logo percebeu que não haveria saída para aquela escolha, momentaneamente, de dor e sofrimento. Isso a faria não observar mais a beleza de vida que estava ao seu redor.

Escureceu e sua mente a torturava. E foi assim, naquele instante de angústia, que ela se direcionou a sua cozinha. E pegou o objeto que seria a decisão daquele dia.

Futuro ou passado seria mais importante para ela?

E assim aquele líquido, viscoso, escorregadio e vermelho, correu sua cozinha inteira, derrubando o objeto cortante ao chão e fazendo, assim, seus familiares perceberem que as coisas não estavam nada bem.

Gritos, sirenes, luzes, desespero, assim foi aquela fatídica noite. Ninguém imaginava que ela cometeria tal ato. E ela o fez.

Amanheceu, será realidade? Fantasia? Ou sonho? Apenas um delírio de momento? História criada? História Contada?

Exatamente a dura realidade de muitas pessoas cuja mente está doente.

O MILAGRE

Por Ceres dos Reis Ferreira

O sol da tarde batia forte na pele, enquanto Preta caminhava pela praia .A brisa salgada lhe acariciava o rosto .Era um dia perfeito, como tantos outros que vivia naquela época. Mas, naquele momento, Preta não sabia que sua vida estava prestes a mudar para sempre.

Dias depois, durante um exame de rotina, a médica encontrou” algo estranho” em sua pele. Um pequeno sinal, quase, quase imperceptível, mas que, sobre a lupa, revelava uma coloração escura e irregular. A palavra “câncer” ecoou na sala, carregada de um peso que fez Preta gelar os ossos. O Mundo desabou sobre ela.O medo a invadiu como uma onda,engolfado-a em um mar de incertezas. A imagem da cirurgia, da dor, da possibilidade da “morte” a assombrava. Era como se Preta estivesse em um pesadelo e a única saída fosse acordar. Mas a realidade era cruel: a cirurgia estava marcada e Preta estava se preparando para o pior. Seus pais,cheios de angústias,”lhe”abraçavam-lhe com força enquanto Preta tentava esconder o medo que a consumia. Seus amigos, preocupados,mandavam a ela mensagens de apoio; Preta tentava sorrir, fingindo que estava tudo bem.

À noite, antes da cirurgia, Preta ajoelhou-se ao lado da cama e pediu a Deus por um milagre. Não sabia se Ele a ouviria, mas precisava acreditar em algo, em alguma força



maior que pudesse a salvar . No dia seguinte, acordou com uma sensação estranha... Era como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros. Quando chegou ao hospital, a médica a olhou com um sorriso que a deixou confusa, "O câncer desapareceu", ela disse, com sua voz carregada de surpresa e alegria."Não sabemos como,mas ele sumiu".

As palavras ecoaram na cabeça da Preta como um trovão. Um milagre. Era isso que havia acontecido. Chorou de alívio, "de" gratidão, de felicidade. Abraçou seus pais com "força" e a sensação de paz lhe invadiu com um bálsamo..A partir daquele dia, sua vida nunca seria a mesma. A experiência a ensinou a valorizar cada momento, a ter mais fé na vida,a buscar a felicidade em cada instante.O Câncer lhe ensinou a ter mais cuidado com a sua saúde, a se proteger mais do sol, a fazer exames regulares. Mas, acima de tudo, lhe ensinou a ter esperança, a acreditar em milagres, a nunca perder a fé na força da vida..

TÂNIA

Por Fabiana de Oliveira da Silva



Nascida em 1961, na capital gaúcha, Porto Alegre, Tania teve uma infância difícil: morava no bairro Restinga e convivia com a escassez de recursos essenciais. Ainda criança, sempre almejava uma vida diferente. Seu único lazer era visitar a avó que residia em Sapucaia do Sul.

Numa dessas visitas, já aos 15 anos conheceu um rapaz e logo começou a namorar, engravidando em seguida.

Já grávida, casou-se e veio residir em Sapucaia do Sul. Sua realidade começou a melhorar, mas estava longe do que realmente havia almejado. Não demorou muito para que viesse a gestar novamente e, mais uma vez, seus sonhos foram adiados. No decorrer dos anos, seus dias eram dedicados aos três filhos e aos afazeres domésticos. Nessa época, já tinha uma vida mais estável, com casa própria, carro, viagens e lazer. Com o passar do tempo, a vontade de fazer algo por si ganhou força e, contrariando as expectativas, voltou a estudar.

Sem incentivo e apoio dos que a rodeavam, e desacreditada, por já estar no auge dos seus 37 anos e com três filhos, ela resolveu seguir em frente. Como nada na sua

vida foi fácil, estudar não seria diferente. Passou por diversos percalços para conciliar estudos e casa. Ia e voltava à noite, com frio, chuva, no rigor do inverno, típico do Rio Grande do Sul. As cobranças em casa, por parte do esposo, se tornaram frequentes, devido ao período em que ficava ausente. Mesmo assim, ela continuava. A separação conjugal foi inevitável e, mais do que nunca, concluir os estudos e ter uma profissão era indispensável. Apesar de abalada e fragilizada com o divórcio, prosseguiu com o seu objetivo.

Em pouco tempo, concluiu o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, na modalidade supletivo modalidade de ensino ofertada para pessoas que não concluíram os estudos de forma regular). Era chegada a hora de dar um passo adiante e ter uma profissão, foi cursar Técnico em Enfermagem. Seus dias eram divididos entre os afazeres domésticos, os cuidados com os filhos e os estudos.

E finalmente, em 1997, chegou a tão sonhada formatura, a realização de um sonho, de ter uma profissão e ser independente. Contudo, era preciso continuar, traçar novos objetivos, novos sonhos. E ela não parou por aí, almejava pôr em prática tudo que havia aprendido.

E deu-se um novo passo...

Foi prestar concurso no município de Sapucaia do Sul, já na sua área de formação, e sim, foi aprovada. Agora ela não era conhecida somente pela família que construiu, pelo que estudou e pelas dificuldades que enfrentou, mas por ser uma Técnica de Enfermagem. Dentro de pouco tempo, iniciou a trabalhar e resolveu se aventurar. Novamente, prestou concurso, agora no município vizinho, Esteio, e foi aprovada. Sim, a menina pobre, da capital gaúcha, grávida aos 15 anos, tornou-se uma profissional da saúde, técnica de enfermagem, concursada em dois municípios. Sua vida tem sido dedicada a cuidar dos outros, e agora a aposentadoria está aí, batendo a porta.

Por onde passa, Tânia incentiva todos a estudarem e irem atrás dos seus sonhos. É através do incentivo dela que aqui estou.

LAURA

Por Jaqueline Lima da Silveira

Entediada, com a vida numa cidade que não tinha quase nada mas que, com o tempo, foi oferecendo várias oportunidades, Laura, que só tinha apenas 18 anos, nascida em 05 de fevereiro de 2004, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul cresceu numa família muito humilde, que sempre batalhou para que Laura tivesse um futuro melhor.

Conforme crescia, Laura começou a estudar e fazer várias amizades. A, ela foi se acostumando com a nova cidade e amigos. Laura se formou no ensino fundamental e, depois, a vida nos estudos de Laura precisava continuar, ela não sabia como, amigos de escola seguiram caminhos diferentes. Além disso, os pais queriam, para ela, um futuro melhor e, por isso, a pressionavam... Num belo dia, Laura se inscreveu para estudar numa escola federal. Muito nervosa, sem acreditar que ela teria chance, Laura fez a prova. Saiu de lá não muito confiante, mas ansiosa pelo resultado.

Depois de umas semanas, o nome de Laura não estava na lista. Ali, ela já tinha perdido todas as esperanças... Passou-se mais uma semana e saiu o último resultado: o nome de Laura estava lá e a felicidade que ela sentiu não tinha explicações. Assim Laura conseguiu entrar na tão sonhada escola federal. Hoje, ela está muito grata por tudo que vem acontecendo na vida dela. Laura está se tornando uma nova pessoa, cheia de sonhos e oportunidades.

FLORIZINHA

Por Juliane Bueno Machado



Era uma vez uma menina chamada Juliane, que vivia em uma pequena cidade do interior. Morava com sua mãe, Dona Maria, uma mulher forte e carinhosa, que dedicava sua vida a criar e educar sua filha sozinha, pois era viúva.

Desde cedo, Juliane e sua mãe tinham uma conexão especial. Sua mãe trabalhava como costureira e, em muitas noites, após terminar suas encomendas, sentava-se com Juliane para contar histórias de sua infância ou ler livros que encontravam na pequena biblioteca da cidade. Essas

noites eram as favoritas de Juliane, pois ela sentia o calor do amor de sua mãe e se sentia segura.

Em uma bela tarde, enquanto brincava no quintal de sua casa, Juliane encontrou uma pequena caixa de madeira enterrada perto de uma árvore. Curiosa, ela correu até sua mãe para mostrar o que tinha encontrado. Quando abriram a caixa encontraram fotos e cartas antigas de quando Dona Maria era Jovem. Juliane, com os olhos arregalados, perguntou para sua mãe sobre as fotos. Foi quando, pela primeira vez, Dona Maria contou sobre o seu pai.

O pai de Juliane havia sido um bom homem, bondoso e trabalhador. Ele partiu em uma viagem antes de Juliane

nascer, mas, tragicamente, nunca mais voltou, deixando dona Maria para criar sua filha sozinha.

Aquela revelação foi um choque para Juliane, pois ficou muito triste ao saber o que aconteceu com o seu pai. Sentindo a tristeza de sua filha, dona Maria explicou que, embora seu pai não estivesse presente fisicamente, ele vivia nas histórias e lições que ela passava para Juliane. Foi então que as duas resolveram investigar para saber mais sobre a morte de seu pai, procurando por parentes e amigos antigos.

Depois de meses de buscas, elas receberam uma carta de um velho amigo do pai de Juliane, dizendo que tinha informações importantes. Com os corações cheios de medo e expectativa, viajaram até a cidade onde o amigo morava. Lá descobriram que o pai de Juliane havia se envolvido em uma aventura perigosa e que, infelizmente, nunca mais voltou. Apesar do que descobriram, elas voltaram para casa com um sentimento de paz, por terem descoberto a verdade. A partir desse momento, a ligação entre mãe e filha ficou mais forte.

Dona Maria continuou a contar as histórias, mas agora incluía as aventuras do pai de Juliane, mantendo viva a sua memória.

SUPERAÇÃO

Por Naman Machado de Oliveira

Naman nasceu em uma cidade chamada Charqueadas, onde vivia com seu pai e mãe, ele sempre gostou de estudar e ter conhecimento, perdeu seu pai quando ainda era criança, sua mãe; consumida pela dor e pelas dificuldades, não conseguiu prover o cuidado que ele tanto precisava. Sem uma vida estável, Naman passou por vários lugares e muitas dificuldades, até mesmo passou fome.



Solitário e sem orientação ou apoio familiar, ele enfrentou desafios enormes, foi em meio a esses desafios que Naman começou a sentir o peso das escolhas que lhe encontrava. A falta de apoio e de pessoas ruins ao seu redor, deixavam seu caminho perigoso. No seu destino uma surpresa lhe reservava. Sua irmã por parte de pai decidiu lhe ajudar. A irmã, apesar de não ter crescido ao seu lado, sempre soube de Naman, então decidiu buscá-lo e ajudar, oferecer amor, um lar e uma nova família.

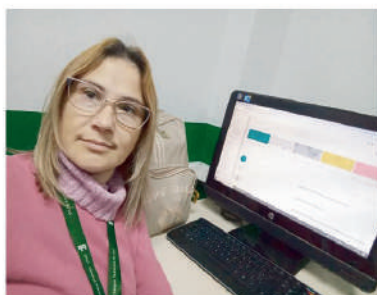
Ela o acolheu em sua casa e o criou como filho. Incentivou a continuar os estudos, e fazer ele acreditar que poderia, sim, ter um futuro melhor. Foi um período de grandes mudanças para Naman. Com o apoio de sua irmã, Naman dedicou-se aos estudos, foi deixando os traumas do passado e começando viver momentos bons da vida. Com todo esse apoio, Naman se formou, encontrou emprego digno

e começou incentivar pessoas que passaram por momentos parecidos como o dele a nunca desistir.

Aquele jovem perdido e solitário tornou-se um exemplo de superação e mostrou que, independente de qualquer dificuldade da vida, nunca se pode desistir e que é possível encontrar o caminho de uma vida digna e feliz, toda vida em algum período vai ter algum momento de dificuldade, mais precisamos entender que esses momentos difíceis sejam de aprendizado e evolução e não somente pensar no que aconteceu de ruim.

A SENSIBILIDADE DE MARIA

Por Rosane Paz Moraes



Foi durante o ano de 2024 que Maria procurou a psicoterapia, na cidade de Sapucaia do Sul. Maria tinha prejuízos de memória, desatenção e muita sensibilidade ao barulho, ao cheiro e a movimentos com os dedos, que a perturbavam.

Conforme relato, ela, desde criança, não mantinha muito contato visual com as pessoas e tinha muita sensibilidade a barulhos, a ponto de tapar os ouvidos. Sempre tinha que se esforçar e anotar para não esquecer dos compromissos.

Nela, percebia-se falta de expressões faciais, geralmente um olhar vago, como se estivesse longe nos seus pensamentos. Vivia em uma casa com os pais e os dois irmãos e, quando completou 7 anos, iniciou a escola. Sempre se considerou uma pessoa tímida e tinha bastante cobrança em casa, por parte de seus pais, que a achavam teimosa e desatenta, mas muito inteligente.

Maria gostava de fazer movimentos com os dedos como se estivesse contando ou limpando uma unha sobre outra. Não gostava de surpresas na rotina; caso contrário, ficava estressada e com dor de cabeça. Também não gostava quando as coisas estavam fora do lugar. Gostava de dormir totalmente no escuro e com o barulho do ventilador, para que ficasse tranquila, calma e logo descansasse.

Por mais que Maria tivesse dificuldades em ter amigos, ela foi capaz de ser persistente nos estudos, desenvolvendo-se no aprendizado. Sempre buscava aprender e conhecer as coisas para mostrar aos seus pais que uma mulher consegue estudar e trabalhar, podendo fazer tudo que o homem faz. Maria desenvolveu habilidades e qualidades, (!) Como ser dedicada e proativa. Sempre que alguém lhe pedia ajuda, nunca se negava, pois tinha um bom coração. Suas qualidades eram persistência, coragem, proatividade e tinha generosidade, um coração puro amável, com uma timidez quieta, mas que não conseguia falar...

No momento certo, Maria conheceu uma pessoa, que lhe tratou tão bem que a fez ter a sensibilidade de amar e se relacionar. Passou a sentir novos sentimentos, a ternura, compaixão... Novas emoções afloraram em seu coração! Maria se casou e continuou sua vida trabalhando e estudando. Quando se tornou mãe, foi o melhor presente de Deus para sua vida!

À medida que o tempo foi passando, Maria voltou a estudar, pois tinha a necessidade de buscar se capacitar mais profissionalmente, para conquistar seus sonhos e projetos... Embora não entendesse o que realmente se passava na sua identidade vivida, queria saber, de fato, o que estaria por trás da sua história de vida e porque estava tão incomodada com as dificuldades do dia a dia.

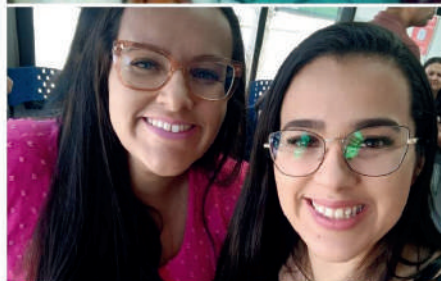
Maria precisou passar por uma avaliação neuropsicológica em que foram recolhidas informações em testes práticos... Foi concluído, pela psicoterapia, que Maria se apresentava com prejuízos nas atividades do dia a dia, reciprocidade sócio emocional, dificuldade na linguagem, insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível à rotina e padrões ritualizados de comportamento verbal e não verbal, além de ter sofrimento em relação a pequenas mudanças. Tal hipótese diagnóstica atestou o Transtorno de Déficit

de Atenção/Hiperatividade e Impulsividade (TDAH) e o Transtorno do Espectro Autista nível leve (TEA).

Diante disso, Maria, aos 42 anos de idade, obteve o diagnóstico e pôde entender melhor sua sensibilidade. Ela obteve respostas que a fizeram enxergar melhor sua identidade e o porquê das dificuldades por trás de tudo o que passou em sua vida. O (TDAH) e o (TEA) é uma condição neurológica, mas que não afetaria a possibilidade de Maria viver bem, confortável e desenvolva. Melhor seria se Maria pudesse se beneficiar com acessibilidade a alguns recursos ou serviços de inclusão.

CLARINHA

Por Tainá Machado Bueno



Em uma pequena cidade onde as estreitas ruas carregavam o peso das memórias de gerações passadas, vivia Clara, uma garotinha cujo espírito era uma mistura de resiliência e uma melancolia silenciosa. Quando seus pais se separaram, Clara sentiu o mundo dela desmoronar. Apesar da sua pouca idade, o impacto desse rompimento marcou

profundamente sua visão de mundo, plantando nela uma necessidade urgente de proteger aqueles que amava, especialmente sua irmã mais nova, Beatriz.

Acolhidas pela avó materna, dona Rosa, uma mulher de vigor notável e determinação incansável, Clara encontrou um novo sentido de responsabilidade. A Convivência com Dona Rosa não foi apenas um refúgio, foi também uma escola da vida. Clara, observando a incansável luta da avó para prover o essencial para elas, absorveu a determinação dela, mas também carregou com ela o peso do sacrifício que via diariamente.

Aos nove anos, Clara enfrentava uma realidade dura e precoce. Com a situação em que vivia, ela se viu obrigada a ajudar sua avó, Dona Rosa, tanto na casa, quanto nos cuidados com Beatriz. Clara sentia-se sobrecarregada, dividida entre a necessidade de amadurecer rapidamente e o desejo de

preservar sua infância.

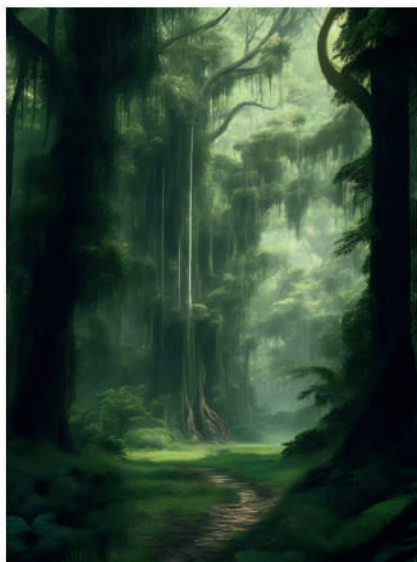
Numa tarde severa de inverno, em um forte temporal, Clara e Beatriz, sozinhas em casa, enquanto Dona Rosa trabalhava, buscaram abrigo embaixo de uma mesa, onde juntaram a sua fé para pedir a Deus que acalmasse aquele temporal. Clara já esgotada em lágrimas se viu totalmente sem forças. Beatriz mesmo sendo pequena também sentia o peso da situação, mas confiava muito em sua irmã, e tinha certeza que juntas iam passar por mais aquela situação.

As respostas às orações de Clara e Beatriz não vieram imediatamente, mas, aos poucos, algo começou a mudar dentro de Clara, e ela percebeu que a fé que tanto buscava não estava apenas no poder externo, mas dentro dela mesmo. Essa nova perspectiva foi a que a manteve de pé. Em seguida o temporal passou e sua avó chegou em casa e deu o aconchego que elas tanto precisavam, proporcionando um alívio momentâneo. Clara fortalecida pela fé, e pelo apoio da sua irmã, conseguiu concluir os estudos e construir sua família.

Tanto ela quanto Beatriz, inspiradas pelos desafios que superaram, seguiram caminhos de sucesso, construindo uma vida melhor para si mesmas e para Dona Rosa que, orgulhosa, viu suas netas prosperarem

A FLORESTA E A ALMA PERDIDA

Por Vanessa da Fontoura de Oliveira



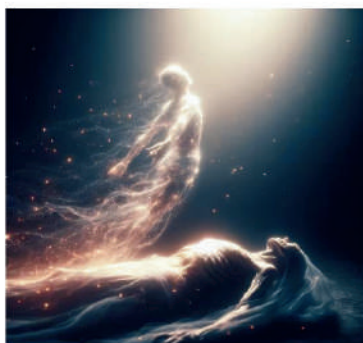
Uma história vou contar sobre a alma de uma moça que se perdeu em uma floresta traiçoeira. Ela precisa encontrar o ponto de luz para seguir sua evolução no mundo após a morte.

Em meados de 1800, uma jovem moça veio a falecer por um acidente que não se sabe o motivo. Assim que a moça da alma perdida chegou ao local para onde as almas vão, ela

se sentiu perdida pois não sabia o que fazer, nem o que iria acontecer, pois não tinha ninguém para ajudá-la. Então, ela só seguiu caminhando angustiada, até que chegou em uma floresta muito bonita; bastante vívida era o seu verde.

A floresta oferecia os melhores frutos, os melhores rios, a água era cristalina. Ela, então, começou achar que ali era o lugar perfeito para se viver e ficou por ali mesmo. Aventurando-se pela floresta, ela achou estranho, porque ela não encontrava a saída daquele lugar. Havia uma caverna escura naquela floresta e, curiosa, ela decidiu ver o que havia lá dentro. Nesta caverna, era onde se escondia a verdade: havia resquícios de outras almas que definharam com o passar do tempo por não saberem encontrar a saída. Além disso, havia escritos nas paredes avisando que a floresta era traiçoeira e tudo aquilo era uma ilusão; na verdade, a floresta só queria se aproveitar de almas recém chegadas, para benefício próprio.

Assustada, sem saber o que fazer, ela se sentiu perdida e muito sozinha. A sua vontade era sair daquele lugar.



Assim que a ficha caiu, ela percebeu que já haviam se passado três anos. Como ela havia descoberto o segredo, a floresta começou a mostrar a sua verdadeira face. Ela era escura e o verde era seco, sem vida, o rio, com as águas cristalinas era, na verdade, muito sórdido. Então, ela tomou a decisão de sair dali o quanto antes e esse sentimento de querer ser livre foi tão forte que, quando ela menos percebeu, encontrou a saída. Ainda que a floresta tenha tentado manipulá-la, a moça, com os seus olhos abertos, apenas fingiu acreditar para poder escapar.

Hoje, a moça da alma perdida não é mais perdida, e sim livre, já que encontrou seu caminho. Ela segue em frente em prol da sua evolução para uma próxima reencarnação na terra. Agora, ela tem coragem e astúcia e, dificilmente, será enganada novamente.

Às vezes, o que é bonito por fora, é feio por dentro.

2024 - 2
PARTE DE QUEM
SOMOS

MUNDO DE TRANSFORMAÇÃO DE VIDA

Por Adriana da Silva Farias

Essa é uma história de uma jovem nascida em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, que desde pequena demonstrava uma curiosidade sem limites e uma sede por conhecimento. Na infância da Adriana, era comum encontrá-la explorando cada canto da cidade com os amigos, sempre em busca de respostas para ela, com as perguntas que surgiam em sua mente.

A fase de Adriana foi marcada por descobertas, brincadeiras e uma enorme vontade de aprender sobre o mundo ao seu redor. Na adolescência, os primeiros desafios começaram a surgir. A necessidade de ajudar a família de Adriana a levou a conciliar os estudos com o trabalho, com uma responsabilidade que exigiu dela maturidade e determinação. Foi nessa época que uma professora de português inspirou nela o amor pelas palavras e literatura, abrindo um novo universo de significados.

O interesse pela língua portuguesa se tornou uma paixão que a acompanharia ao longo de sua trajetória. Ao atingir a vida adulta, as responsabilidades aumentaram ainda mais. Além de continuar estudando, agora era preciso sustentar a família sozinha; o que trouxe muitos momentos difíceis e decisões complexas. No entanto, com o apoio dos amigos e muita perseverança, ela aprendeu lições valiosas sobre resiliência e superação. Esses anos de desafios moldaram seu caráter e fortaleceram seu espírito, provando que é possível vencer as adversidades com coragem.

Hoje, quase finalizando o curso técnico em administração, ela sente o gosto da realização e do dever cumprido. Seu interesse por idiomas continua sendo uma motivação diária e essa moça busca aplicar o conhecimento adquirido para ajudar quem está ao seu redor, acreditando no

poder transformador da educação. Para ela, essa conquista é mais do que uma vitória pessoal; é uma mensagem de inspiração para aqueles que lutam por seus sonhos.

Como ela mesma diz: “Sem ação, não há transformação.”

UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE

Por Andrise Josiane Ferraz Oliveira

A história de Andrise começa em 2011, ano em que ela viveria os piores momentos da sua vida. Casada e mãe de Alexia, Lucas, Raquel e João Pedro, ela levava uma vida tranquila ao lado de seu companheiro, Fabio. No entanto, tudo mudou repentinamente.

No dia 14.05.2011, Fabio começou a sentir muitas dores no estômago. Nesse dia, Andrise estava trabalhando quando recebeu uma ligação. Ele ligou para ela, avisando que não estava bem e que iria no hospital, mas logo estaria de volta. Quando ela chegou em casa, por volta das 16h, e não o encontrou, ficou preocupada, pois ele não havia ligado ainda. Ela tentou ligar e não teve retorno.

Então ela decidiu ir até o hospital para ter notícias. Para sua triste surpresa, ao chegar, encontrou o marido com uma sonda no nariz e sentindo muitas dores. Ela questionou o médico, que informou que não havia cirurgião de plantão naquele momento. Ele sugeriu que ela fosse para casa ficar com as crianças e disse que tudo ia ficar bem. Ela, com o coração apertado, teve que ir, pois João tinha apenas 3 anos.

No dia seguinte, bem cedo, ela foi ao hospital e viu



que ele tinha piorado. Com muitas dores, ele chorava muito, pois as dores eram muito fortes. Ele pedia para tomar banho e se alimentar, mas não podia. Nesse mesmo dia, inclusive, teve que ser amarrado à cama. Na outra manhã, ela chegou no hospital e disseram:

— Estamos preparando o seu marido para a cirurgia.

Ela, junto à enfermeira, subiu com ele, que estava na maca, muito fraco. Ali disse as últimas palavras para ela:

— Não chora, logo estarei bem para fazer o aniversário do nosso filho, João.

Então ela ficou no corredor em total desespero e, depois de 3 horas, o médico apareceu na porta e disse:

— Infelizmente não conseguimos fazer a cirurgia; a pressão dele está muito baixa. Ele está na UTI.

Disseram para ela voltar no dia seguinte e ela foi, em total desespero.

Naquela noite, não conseguiu dormir porque pressentiu que ia ter que ser forte, não só por ela, mas pelos seus filhos..Às seis da manhã, ela recebeu uma ligação e, naquele momento, ela já sabia o que era. A médica lhe chamou e disse que ele não resistiu... Ali o mundo dela caiu; desesperada, sem ninguém para ajudá-la, foi uma tristeza muito grande enfrentar o luto sozinha com seus filhos.

A hora mais triste foi quando ela viu seu caixão ser fechado e saber que nunca mais ouviria. Ela passou a viver somente por seus filhos, sem esperança de um amanhã. Muito choro, muita tristeza, e perguntava porque isso tinha acontecido com ela. Achou que o amor não era mais para ela e seguiu lutando por seus filhos.

Passaram muitos anos e, através de uma amiga, ela conheceu Demétrius. Antes de saírem, ficaram três meses trocando mensagens, falando da vida, das tristezas, das ilusões, dos planos futuros. Ela começou a sentir e ter esperança numa nova vida, que tudo poderia ser diferente.

Ele foi extremamente importante: tirou ela do fundo de uma depressão e tristezas. Hoje estão juntos há 11 anos: os filhos dela são os filhos dele e ele é um homem trabalhador, honesto, carinhoso. O amor transforma tudo e, sim, podemos ter uma segunda chance de namoro. Apesar de todas as dores e o coração partido, podemos ser felizes, acreditando sempre no amor e na esperança.

BRENDA E SUAS REVIRAVOLTAS

Por Brenda de Lacerda de Souza

Essa história inicia falando sobre uma jovem que, aos dezessete anos, se casou. Desde então, já foi deixando de estudar e largou do seu trabalho, nem percebendo já estava entrando em um relacionamento tóxico. Logo foi afastando-se de seus familiares e seus amigos; aos poucos, foi perdendo sua identidade e se perdendo como mulher. A depressão foi ganhando uma grande proporção em sua vida, que já não tinha mais sentido.

Apesar disso, uma coisa que a incomodava muito era não ter concluído seus estudos, pois ela sempre teve vontade de retornar à escola. No entanto, sempre que abordava o assunto de voltar a trabalhar e estudar, seus familiares e familiares do seu antigo cônjuge sempre falavam “Não tem mais tempo para estudar”, “isso não é mais para ti”, entre outros conselhos depreciativos, que geraram um sentimento de impotência em seu coração.

Com o passar dos anos, as coisas foram só piorando. Brenda achava que não tinha mais tempo de recomeçar sua vida sozinha e que tinha que permanecer com sua escolha de cinco anos atrás. Aquela menina cheia de sonhos foi se apagando com o tempo. Era quase impossível para ela retornar a uma vida feliz e tranquila novamente.

Depois de seis anos presa em um relacionamento, ela então recebeu uma proposta de trabalho, que foi sua virada de chave. Decidiu aceitar o emprego porque viu que ainda existia uma luz no fim do túnel em sua vida. Logo depois, Brenda se separou e voltou a morar com sua avó paterna. Foram noites em claro planejando sua vida nova.

Ao longo dos dias, ela conheceu uma mulher chamada Andréa e ela foi quem lhe apresentou o IFSUL, contando como funcionava. Brenda se inscreveu para o PROEJA,

muito nervosa, mas confiante. Foi aprovada e, depois de tempos passando por dificuldades, hoje ela se encontra perto de sua família e amigos novamente. Trabalha com o que gosta e cursa o quarto semestre em Técnico em Administração, feliz e orgulhosa de si mesma pela sua trajetória.



Durante uma crise financeira pós-pandemia, Bruna foi obrigada a fechar seu empreendimento, que representava parte significativa de sua renda. Diante dessa situação, começou a pensar em como poderia retornar ao mercado de trabalho, agora no regime CLT. Decidiu, então, realizar a prova do Enceja, por ser uma forma mais rápida de concluir seus estudos e aumentar suas chances de conseguir um emprego.

Bruna não havia completado o ensino médio, pois, ainda na pré-adolescência, precisou abandonar os estudos para trabalhar e suprir suas necessidades básicas. Após concluir a prova do Enceja, ela iniciou sua busca por emprego e conseguiu uma vaga em uma empresa fabricante de autopeças automotivas, por meio de uma agência de empregos. Enquanto trabalhava, Bruna aguardava por duas cirurgias vasculares, mas, durante a rotina de exames, recebeu uma notícia inesperada: estava grávida novamente. Foi um misto de emoções — medo, insegurança e alegria.

Ao comunicar a empresa sobre a gravidez, acabou sendo demitida, já que seu contrato era temporário. Com isso, não teve direito a nada além do auxílio-maternidade. De

volta à “estaca zero” — mas com um propósito renovado, pois agora carregava em seu ventre uma menina que batizou de Samyra —, Bruna decidiu adiar as cirurgias para esperar o nascimento da filha. Durante esse período, retomou seu antigo empreendimento no ramo alimentício. Contudo, sentiu que precisava ir além: o Encceja não era suficiente para ela. Queria aprender mais, administrar melhor seu negócio e melhorar seu currículo para o futuro.

Em um momento de lazer, Bruna viu uma postagem nas redes sociais sobre o Instituto Federal Sul-rio-grandense, que estava com inscrições abertas para o curso técnico em Administração. Decidiu se inscrever, mas enfrentava dúvidas e inseguranças: “Será que vou dar conta? Quem cuidará dos meus filhos enquanto estou na aula?”. O pai de seus filhos trabalhava no interior da cidade e só voltava a cada quinze dias, o que tornava a situação ainda mais desafiadora. Mesmo assim, Bruna seguiu em frente e iniciou esse novo ciclo. Conseguir quem cuidasse das crianças durante suas aulas foi um obstáculo, mas ela não desistiu. Com muito esforço, Bruna equilibrou a rotina de estudos, trabalho, casa e filhos.

No final do primeiro semestre, sua filha já tinha 1 aninho. Porém, mais um desafio surgiu: seu filho do meio foi diagnosticado com autismo nível 2 de suporte. O atraso na fala e alguns comportamentos, que antes pareciam “normais”, agora faziam sentido como sinais de um transtorno no neurodesenvolvimento. Bruna se dedicou a aprender mais sobre o autismo e os direitos do filho, incluindo as terapias necessárias. No entanto, ficou muito aflita ao saber que ele precisaria de medicação. Decidiu, com base em sua crença no desenvolvimento natural do filho, não introduzir o medicamento. Bruna confiava que a convivência escolar e as terapias iriam ajudá-lo. Felizmente, seu filho mostrou grandes progressos: desenvolveu a fala, melhorou a comunicação, socializou com mais calma e passou a ter noites de sono

tranquilas.

Para Bruna, esses avanços foram uma bênção e um grande motivo para continuar lutando pelos seus objetivos.

CONSTRUÇÃO DE PONTES DURANTE A TEMPESTADE

Por Caroline Pinto de Oliveira



Carol sempre soube que voltar para a escola aos 34 anos não seria algo fácil; para contar melhor esta decisão, vamos voltar um pouco no tempo.

O principal pilar de uma criança é, sem dúvida, a família: as crianças só conseguem desempenhar bons resultados quando há uma convivência tranquila em seu âmbito familiar. Na família de Carol, as coisas foram bem turbulentas. Os pais da menina a tiveram muito jovens. O pai, com 18 anos, tinha problemas com álcool e drogas; a mãe era uma adolescente de apenas 16 anos, sem estrutura psicológica, financeira, física e familiar.

A situação financeira da jovem mãe era crítica, e logo ela precisou pedir ajuda na criação das filhas. A avó paterna assumiu a criação das netas ainda muito pequenas. As meninas, criadas principalmente pela avó, recebiam a visita da mãe, e assim foi até a chegada da adolescência. Conforme os anos passaram, as meninas, Carol e Priscila, foram ficando mais independentes e visitavam a mãe mais frequentemente.

Em 2008, o genitor de Carol foi morto. Neste mesmo ano, Carol foi mãe de seu filho Axel. Os estudos foram deixados de lado para que ela pudesse trabalhar. No ano de

2009, as jovens de 17 e 18 anos também perderam a mãe vítima de um trágico acidente de moto.

Da pré-escola até o sétimo ano do ensino fundamental, Carol sempre foi exemplar na escola com ótimas notas e muitos elogios. Como aluna por 9 anos na escola pública Castro Alves, nunca reprovou.

Em 2012, Carol começou um novo relacionamento; deste nasceu sua filha, Vitória, hoje com 11 anos. Foi em busca de um ensino médio técnico de qualidade para seu filho de 15 anos que Carol achou o IFSul. Ela o matriculou para tentar o vestibular de verão, e, durante as pesquisas, viu a disponibilidade de um curso técnico em administração no turno da noite. Em 13 de março de 2023, Carol deixou relatadas suas intenções para ingressar no curso técnico. O desafio de conciliar a casa, o trabalho, os filhos e a rotina maçante aos estudos estava no ar. Com incentivo da irmã, dos filhos e do marido, Carol retomou a sala de aula após 18 anos fora.

O retorno, cercado de expectativas e medo de não dar conta, é constante. Em 5 de maio de 2024, por exemplo, no estado do RS, na cidade de São Leopoldo, onde Carol mora com a família, a enchente tomou conta de sua casa, de seu comércio, da casa de seus familiares e amigos. Com a enchente, veio a dor, a perda de bens adquiridos com anos de trabalho... Os investimentos de uma vida foram embora com a água. As necessidades financeiras, a mudança de vida da noite para o dia, a perda do seu próprio negócio fizeram com que Carol repensasse sobre manter o curso; afinal de contas, ela passou 6 meses morando de favor na casa de sua irmã até conseguir refazer sua casa. Como Carol perdeu sua fonte de renda, precisou procurar novo emprego.

Sem casa, sem móveis, sem seus pertences pessoais, sem seus álbuns de fotos e registros de uma vida, ela seguiu focada em terminar o curso, pois ela sabe que é deste curso a esperança de dias melhores, é da conclusão deste curso que

iriam surgir novas oportunidades. O conhecimento adquirido hoje servirá no futuro amanhã.

Carol segue estudando, tirando boas notas, administrando a vida, os conflitos, o trabalho e a rotina de mãe, aluna, esposa, colega... Estudar é a chave para grande parte das oportunidades que surgirão no seu caminho. Estudar é investir no seu futuro. O sucesso nunca caiu do céu; com muito esforço, fé, luta, força de vontade, coragem e foco, ela vai conseguir alcançar seus objetivos.

A HISTÓRIA DE MARIA

Por Fernanda da Silveira



Maria tinha 17 anos quando descobriu que estava grávida. O pai da criança, ao saber notícia, desapareceu, deixando-a sozinha com a responsabilidade de criar um bebê. O medo e a insegurança tomou conta de Maria eram enormes, Maria sabia que desistir não era a solução e nem uma opção.

Maria morava no interior de Barros Cassal e teve que partir para a cidade, vindo para Sapucaia do Sul. Com poucos recursos e sem apoio de uma família estruturada, Maria teve que seguir em frente, trabalhando em diversos lugares — muitas vezes trocando o seu serviço por moradia.

O tempo foi se passando e, perto de Maria ganhar seu bebê, foi ficando cada vez mais preocupada: sua família queria colocar a sua filha para adoção. Maria, portanto, precisava de um lugar seguro e, assim, enfrentou tudo e todos para ficar com sua filha. Houve dias que precisou escolher quem iria comer: Maria ou a filha.

Depois de algum tempo, Maria conseguiu emprego e um lugar para morar com sua criança, conseguindo cuidá-la e trabalhar. Com os anos, foi ensinando os valores da vida para sua menina.

A HISTÓRIA DE GRASIELA

Por Grasiela Honório Gonçalves

Em 2009, Grasiela morava com a família em Arroio do Sal, uma cidade tranquila, famosa pelas praias e pelo clima sossegado. O ritmo da cidade do litoral gaúcho era calmo e o tempo parecia passar lentamente. A rotina de Grasiela era parecida



com a de outras pessoas da região: ajudava a família, cuidava das tarefas de casa e, no verão, trabalhava em um quiosque na praia. Mas, apesar de toda a beleza ao redor, ela sentia que algo estava faltando. Enquanto seus amigos e familiares pareciam satisfeitos com aquela vida simples, Grasiela tinha um desejo constante de conhecer o mundo lá fora.

Esse desejo a dividia. Por um lado, ela amava sua família e sabia o quanto todos se importavam com ela. Por outro, sentia que estava deixando seus próprios sonhos de lado. E se um dia decidisse partir? Como seus pais reagiriam? Essas questões a faziam refletir profundamente sobre seu futuro.

Foi então que, em 2011, algo aconteceu que acelerou sua decisão. Sua sogra, com quem sempre teve uma boa relação, faleceu. Nesse momento, Grasiela percebeu que não dava mais para ignorar o desejo de partir. Estava grávida da sua primeira filha e a perda de sua sogra a fez perceber a importância de estar perto da família de seu marido, que morava em Sapucaia do Sul, uma cidade na região metropolitana de Porto Alegre.

Apesar do luto e das dificuldades, ela sabia que o momento de seguir em frente havia chegado.

Quando contou aos seus pais, eles ficaram surpresos, mas aceitaram sua decisão com carinho e apoio. Com o coração apertado, Grasiela fez as malas e partiu. Era difícil deixar para trás o lugar onde cresceu, mas ela sabia que estava realizando um sonho de buscar algo novo, mesmo que isso significasse um recomeço.

A mudança para Sapucaia do Sul trouxe desafios inesperados, mas também novas oportunidades. Em pouco tempo, ela conheceu seu futuro marido e a paixão entre os dois foi rápida. Decidiram se casar, e logo vieram os filhos — um casal que encheu sua vida de alegria e propósito. Agora, Grasiela sabia que sua prioridade havia mudado: ela precisava garantir um futuro melhor para os filhos.

Mesmo com a correria de ser mãe e cuidar da casa, Grasiela não abandonou seu desejo de crescer profissionalmente. Ela decidiu investir na sua formação, começando um curso técnico, algo que sempre quis fazer, mas que nunca teve chance de realizar enquanto morava em Arroio do Sal. Agora, em Sapucaia do Sul, estava determinada a conquistar seu espaço, não apenas por ela, mas também pelos filhos. Sabia que, com mais qualificação, conseguiria um emprego melhor e, assim, garantiria mais oportunidades para eles — para que tivessem chances que ela mesma nunca teve.

A vida não era fácil, mas Grasiela encarava cada desafio com determinação e coragem. Sabia que todo esforço, desde o início em Arroio do Sal até os estudos na nova cidade, a tornava mais forte. A cada dia, ela passava aos filhos uma grande lição: a importância de sonhar, de lutar por um futuro melhor e de nunca desistir, não importa o que aconteça.

Hoje a história de Grasiela serve como um exemplo de força, coragem e perseverança. Ela provou a si mesma e

aos outros que, mesmo em meio às dificuldades, é possível construir uma vida melhor e impactar positivamente as pessoas ao seu redor.

A MENINA MULHER

Por Josilaine Benetti Diniz

Essa é a história de Josi, uma mulher forte de 38 anos, sem filhos, que mora com sua mãe, Leci, seu irmão, Juliano, e seus pets. Ela está estudando e se empenhando para desenhar um futuro melhor e mais próspero para sua vida... Mas vamos pelo começo, pois já estamos revelando demais da parte final dessa história.

Josi nasceu no dia 25 de julho de 1986, uma sexta-feira. É do signo de Leão. Sua mãe a teve no Hospital São Camilo, em Esteio, e seu parto foi (colocar se foi tranquilo). Teve um irmão mais velho, Juliano.

Josi teve uma infância relativamente normal. Iniciou a escola com 7 anos de idade. Sempre foi muito tímida e conversava pouco na escola.

No mesmo terreno em que ela morava, viviam seus tios por parte de pai e sua prima, com quem brincava bastante e se divertia. Aos domingos, a família se reunia na casa de seus avós maternos para fazer o tradicional churrasco, em que todos os primos se juntavam e faziam bagunça. Além disso, os aniversários em sua família materna nunca passavam sem ser comemorados. Todos preparavam alguns salgados em casa, compravam outros e o bolo com o tradicional recheio de morango com nata não podia faltar.

Josi era e é muito fã da dupla Sandy & Junior, que, na



sua época de adolescente, embalava seus sonhos com coisas boas. Era um momento de liberdade escutar suas músicas, uma distração da realidade, um instante para sonhar e apreciar a sensação que a dupla lhe trazia ao ouvir suas vozes no rádio.

Depois, quando cresceu um pouco mais, seus pais decidiram se mudar para outra casa, em um terreno só deles, na mesma cidade e bairro. Lá, fizeram novas amizades. Os vizinhos eram muito gentis e, como sempre, sua mãe, com a personalidade comunicativa, logo se aproximava da maioria deles. Josi continuava tímida, mas muito carismática, e isso não a impedia de também conversar com os vizinhos, além de conquistar suas próprias amizades.

Com 15 anos de idade, ela começou a enxergar com mais clareza a realidade vivida em sua casa, pois, por mais que tentasse, não era possível esconder o comportamento abusivo de seu pai, que era alcoólatra. Sua mãe tentava, de todas as formas, impedir que isso afetasse suas vidas, mas era difícil. Ela sempre tentou ser forte para os filhos, mas também era humana, e os sentimentos eram difíceis de lidar.

Devido a essa adolescência conturbada, Josi teve que parar com seus estudos para poder ajudar sua mãe financeiramente. Sua mãe era uma mulher muito sofrida, porque o pai de Josi a maltratava muito, chegando em casa embriagado e batendo nela e nos filhos. Josi começou a trabalhar em casas de família, fazendo limpeza junto com sua mãe.

Ainda durante a fase final da adolescência e o início da vida adulta, seu irmão, Juliano, sofreu um terrível acidente na empresa em que trabalhava: teve dois dedos de sua mão esquerda esmagados por uma prensa. Mais uma vez, ela teve que lidar com o medo e a insegurança.

Fico imaginando como ela se sentiu ao ter que lidar com um pai alcoólatra, uma mãe tentando escapar dessa terrível realidade do casamento e, agora, o acidente do irmão.

Ela deve ter se perguntado: “Como será a vida dele? Será que conseguirá continuar trabalhando? O que seria de nós se ele seguisse os passos do pai em relação à bebida?” Acredito que esses e outros questionamentos tenham pairado em sua mente por muito tempo.

Sua mãe sempre lhe ensinou o valor do trabalho duro, da persistência e do que é ser uma mulher forte. Por isso, ainda aguentou mais alguns anos de casamento, mas, finalmente, depois de muito sofrimento, a mãe de Josi resolveu se separar de seu pai.

Após a separação, Josi passou a trabalhar ainda mais para ajudar nas despesas da casa, primeiro em uma casa de família e, depois, em uma padaria. Seu pai foi morar em São Pedro do Sul, sua cidade natal, onde tinha outros parentes.

Apesar de tudo que passou, Josi nunca odiou seu pai. Em seu coração, ela sempre teve a esperança de que ele mudasse, que aprendesse com os erros. Quando não bebia, ele agia normalmente, mas, ao beber, transformava-se em outra pessoa e ficava violento. De qualquer modo, sempre que podia, ia visitá-lo, pois ele era seu pai.

Depois de algum tempo, Josi descobriu que seu pai estava muito doente, com câncer. Sei que pode ser especulação da pessoa que vos escreve esta história, mas a vida é como um círculo, girando constantemente e, como dizem, “tudo que vai, volta”. Talvez tudo o que ele tenha feito para seus familiares, de alguma forma, repercutiu em sua saúde. O pai de Josi lutou contra a doença por mais ou menos quatro anos.

Josi, então, decidiu que deveria parar de trabalhar para morar com seu pai e cuidar dele durante essa luta contra a doença. Foi um período extremamente difícil pelo qual ela teve que passar. Como falei antes, por mais que o pai tenha sido ruim para toda a família, eles nunca conseguiram odiá-lo.

SUPERAÇÃO

Por Jaqueline Rosângela Machado da Silveira Fontoura



Esta é a história de Jaqueline, que, algum tempo atrás, começou a ter crises de ansiedade. Ela demorou para procurar ajuda, mas viu que sozinha não conseguiria e, assim, procurou terapia.

Sentada na sala de espera da terapia, Jaqueline estava olhando o Instagram até que algo chamou sua atenção. Viu ali uma chance que poderia ser muito boa para o que estava vivendo naquele momento: “ocupar sua mente”; ela viu uma oportunidade que só ela poderia realizar para si mesma. Ela inclusive, já vinha conversando na sua terapia a esse respeito.

Jaqueline sempre teve medo do desconhecido. Relatou para não sair da sua zona de conforto, como se, para ela, estivesse tudo bem da maneira que estava. Lá no fundo, entretanto, ela sabia que precisava dar um passo.

Na terapia, escutou uma coisa que a marcou: “se tu não conseguir, tudo bem, mas e se conseguir e for bom?”. Apesar disso, também vieram algumas dúvidas: como seria sem ela em casa?

Naquele momento, ela teria que enfrentar o novo desconhecido sozinha, mas não tinha dúvida que era preciso, teve o apoio que precisava de casa e seguiu em frente. No começo, não foi fácil, mas nunca pensou em desistir, porque

algo já estava mudando nela, que se sentia bem ali. Houve momentos de ansiedade, mas foram muito leves; a cada mês que passava, estava mais perto de concluir o que ela sonhava.

Jaqueline começou a perceber que aquilo estava fazendo um bem maior do que ela pensava e estava refletindo fora dali. Não foi fácil para ela voltar a estudar depois de 20 anos. Apesar dos muitos desafios, pensava no que tinha a ganhar em conhecimento e em experiência.

Esse é o novo desconhecido de Jacqueline, voltar a estudar. Por conta da terapia, ela entendeu como seria bom se ocupar, fazer algo que só ela poderia, que era se abrir para o novo. Hoje, ela olha para trás e vê como valeu a pena seguir em frente, buscando outros novos desconhecidos.

A HISTÓRIA QUE ME FEZ SER QUEM SOU

Por Lauronise Rodrigues da Silva



No ano de 1999, uma jovem cursava o ensino médio e morava com seus pais e sua única irmã. Essa jovem conheceu um rapaz, com quem manteve um relacionamento amoroso e acabou engravidando. Seu pai era muito rígido e a jovem, temendo a reação dele, manteve a gravidez em segredo; sabendo que seu pai tinha muita confiança nela, teve certeza de que ele jamais suspeitaria.

A jovem contou sobre a gravidez para uma amiga e essa, por sua vez, não conseguiu guardar segredo e, então, contou para a mãe da jovem. A mãe começou a observar suas atitudes e, mesmo não querendo invadir a privacidade da filha, resolveu olhar suas coisas. Para sua total surpresa, descobriu que sim, era verdade: sua filha estava grávida. Em um misto de sentimentos de alegria, medo e surpresa, ela decidiu perguntar à jovem, que não negou, mas expressava insegurança e medo da reação do pai. Mãe e filha mantiveram o segredo e se tornaram melhores amigas; elas se ajudavam em tudo, inclusive a organizar o enxoval do bebê.

Os meses foram se passando e a jovem continuava estudando e trabalhando para ajudar com a renda da casa e comprar as coisas do bebê. A gravidez continuava evoluindo,

mas, infelizmente, ela não pôde contar com a ajuda do pai da criança, já que ele não quis assumir a paternidade, e ela logo se tornou mãe solo. A jovem e a mãe dela continuavam lutando em silêncio, trabalhando, esperando o bebê e torcendo para que tudo corresse bem.

O dia tão esperado pela jovem e sua mãe chegou. No dia 1º de outubro de 1999, a jovem estava trabalhando quando sentiu algo estranho: sua bolsa rompeu. Ainda assim, ela continuou a trabalhar. Por volta das 17h, foi para casa e, chegando lá, explicou para sua mãe o que tinha acontecido. Ela exclamou:

— Você vai ter o bebê!

Sua mãe esboçou alegria e preocupação, pois temia a reação do marido, já que ele sequer sabia da gravidez da filha, muito menos da chegada de sua neta.

A jovem deixou sua mãe em casa e foi com uma amiga ao hospital, onde ficou para ter o bebê. Correu tudo bem e, no dia 2 de outubro de 1999, às 09h26 da manhã, nasceu uma linda menina. A jovem, para homenagear sua mãe, deu o nome de Elenara, já que o nome de sua mãe era Helena.

O pai da jovem se perguntou onde a filha estaria, pois tinha passado a noite fora de casa e ainda não havia retornado. A mãe respondeu que a jovem estava no hospital. O pai da jovem indagou, e a mãe dela lhe contou toda a verdade: sua filha havia passado pela gravidez despercebida e já tinha dado à luz. O pai levou um choque, mas aceitou e ficou calado por um período de tempo.

No outro dia, a jovem, com o bebê no quarto do hospital, ouviu a voz do pai no corredor. Temeu a reação dele, mas ficou calma. Então, ele entrou, olhou a menina e disse:

— Então, né? Ganhando filho e eu sem saber de nada!

A jovem abaixou a cabeça, sentindo muita vergonha de seu pai e triste por tê-lo decepcionado. Pediu perdão a ele, que a abraçou, emocionado, e disse:

— Não é porque você teve filho que vai deixar de ser minha filha. O pai vai te ajudar!

No final da tarde, a jovem recebeu alta do hospital com sua bebê. Todos a esperavam em casa e, a partir desse dia, cuidavam com amor e carinho de Elenara. A jovem, após alguns dias, voltou a estudar e a trabalhar para custear os gastos da filha, já que agora era mãe solteira.

O pai da jovem, com 46 anos, estava desempregado e ficou preocupado, pois queria muito contribuir com a criação da neta. Com tudo isso, ele acabou adoecendo, pois não conseguia emprego por conta da idade. O único bem que possuía, seu Opala 1986, foi apreendido por estar com os documentos vencidos. A situação do pai da jovem só piorava, e seu Lauro, como era conhecido, teve depressão, ansiedade e ficou oito meses acamado. Ele foi várias vezes para o hospital até que, por fim, quando sua neta tinha apenas 11 meses, ele veio a óbito, o que agravou ainda mais a situação de sua família. Agora, Helena, viúva, com duas filhas jovens – uma mãe solteira e a outra grávida do primeiro filho –, ficou firme ajudando a criar a neta, enquanto suas filhas trabalhavam para manter a casa.

Cinco anos após o falecimento do pai, a jovem perdeu sua única irmã para a depressão. Ela faleceu com apenas 24 anos, deixando sua filha de quatro anos. Agora, a jovem se uniu ainda mais à mãe, já que eram apenas as duas para criar Elenara, a filha de sua irmã Maiara, e a outra filha, Emilin, que a jovem teve nesse meio tempo. Todas sem pai, mãe e filha travavam uma batalha para criar as três meninas.

A jovem se tornou uma consultora de vendas. Começou vendendo cosméticos e, assim, mantinha a família com a ajuda de sua mãe.

Mais de vinte anos depois, Elenara é formada em Processos Gerenciais e Administração, casada com um sargento da Força Aérea Brasileira. Emilin, sua outra filha,

mora sozinha e trabalha em um posto de gasolina, onde chegou a ser chefe e, atualmente, trabalha no caixa. Maiara, filha da irmã da jovem, cursa Pedagogia, também é casada e tem um filho de quatro anos, que é a alegria de sua vida.

Helena, a mãe da jovem, combateu o bom combate e, infelizmente, veio a falecer aos 67 anos, acometida por uma série de enfermidades. Mãe e filha se separaram pela morte; ficou a dor, a saudade e um legado de não abandonar a Deus, a fé e a família, aconteça o que acontecer.

Esta jovem sou eu. Hoje, adulta, com 44 anos de idade, casada, estudante do Curso Técnico em Administração no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Agora, cuido dos que ficaram, inclusive de um sobrinho-neto. No coração, levo a dor da saudade dos que já se foram, a certeza do dever cumprido e a esperança de dias melhores.

SUPERAÇÃO

Por Leandro Lopes Mello

Tudo começou no ano de 2015. Ele era um rapaz trabalhador, com muitos amigos, e tinha uma vida muito boa. Mas, como todo jovem, gostava de se aventurar e, em uma dessas aventuras, começou a se envolver com pessoas de má índole.

Com o passar do tempo, não notava que sua situação estava cada vez pior. Não vendo saída, ele entrou para a vida do crime e começou a traficar. Não satisfeito, ele ainda queria mais poder; sendo assim, ele também fazia cobrança de drogas, tornando-se um homem respeitado e conhecido por todos no mundo do crime. O destino preparado para ele era o pior, mas, como em tudo, Deus tem um propósito. A vida começou a mudar com um convite para ir a uma igreja evangélica.

Nessa igreja, Deus usou uma moça para entregar um recado, mas ele não deu ouvidos. No dia seguinte, ele foi fazer umas cobranças e, com o carro cheio de armas e drogas, teve que fugir da polícia. No final de semana em que seria Dia das Mães, ele foi preso.

Chegando no Presídio Central, não o aceitaram; assim, ele foi levado para a cidade de Charqueadas. Ao dar entrada nos papéis, viu o nome do policial, que era Cabo Jesus e, no mesmo instante, ele se lembrou do recado de Deus que a moça entregou na igreja. O policial perguntou para qual galeria ele queria ir. Respondeu ele:

— Onde vocês me colocarem está ótimo.

Então, o colocaram na galeria dos evangélicos e, no dia seguinte, houve um culto, em que Deus usou o pastor para falar com ele:

— Lá na rua você não me deu ouvidos; te trouxe aqui pra dentro para trabalhar em você, para que vá e pregue minha

palavra.

Depois desse episódio, ele aceitou Jesus e fez um propósito com Deus. Por ver a sinceridade no coração dele, Deus o tirou da cadeia em quatro meses. Desde então, ele se entregou totalmente ao evangelho. Com o passar do tempo, ele conheceu sua esposa, com quem é casado até hoje, e Deus tem abençoado cada vez mais sua vida em todas as áreas.

EM BUSCA DE UM SONHO...

Por Luciana Joaquim de Moraes

Era uma vez uma menina muito sonhadora, que queria muito descobrir tudo que existia. Mas, por vários motivos, ela teve que se afastar da escola onde adquiria conhecimento ainda em tenra idade.

Isso partiu seu coração, pois ela precisou começar a trabalhar e não pode mais estudar. Para muitas pessoas, isso pode até ser normal, mas, para a menina foi muito triste, ter que se afastar de seus colegas, dos seus professores e do conhecimento. Embora, no fundo do seu coração, tenha ficado uma ferida, a menina aceitou o seu destino.

Aquela menina cresceu, conheceu o amor da sua vida e se casou. Ela teve três filhos lindos e, aos poucos, seus sonhos iam se realizando.

Com a ajuda de seu marido, conquistaram uma bela casa, compraram um carro bonito e confortável... A menina sorria, pois tudo estava indo bem.

Mas ela sentia que aquela ferida ainda estava no fundo do seu coração! A menina sentia que uma parte muito importante da sua vida lhe fora roubada. E ela não queria mais carregar essa ferida. O tempo foi passando, seus filhos estudaram e cresceram e, então, a menina viu que era hora de voltar a estudar. Seu marido, que é uma pessoa especial, a incentivou muito e sempre lhe dizia que tudo ia dar certo.

Ela percebeu que a vida estava lhe oferecendo uma nova chance quando descobriu que havia sido aprovada para fazer o curso de Técnico em Administração no IFSUL. Agora ela tinha uma família inteira lhe incentivando a concluir o ensino médio e ela não iria desperdiçar essa oportunidade.

Às vezes, ela volta a se sentir como uma criança. Nessa escola,, ela conheceu colegas que também passaram por situações semelhantes e que se ajudam mutuamente. Também

conheceu professores bons e dedicados.

A jornada não é fácil, mas ela tem muita fé e sabe que vai conseguir!

Neste enredo, baseado em fatos reais, vocês irão ler sobre duas pessoas: Maicon e Dona Afonsina. Poderiam ser contadas algumas de várias histórias que marcaram, ao longo do tempo, as vivências dessas duas pessoas, Muitos desses momentos marcantes foram bastantes especiais, mas outros não foram bons e agradáveis.

Dona Afonsina acordava todos os dias cedo, com os galos. Levantava-se e ia até o banheiro; depois ia direto ao fogão, ligava o fogo para esquentar a água e, depois, arrumava o chimarrão. Sempre caminhava até o armário onde sempre havia seu pão caseiro, que somente ela fazia. Também havia bolachas e salgados que ela amava.

Depois de tomar seu café de costume, deixava sua mesa pronta para almoçar. Ao meio-dia, sempre havia a visita de um filho ou um neto para almoçar e conversar. Durante alguns almoços, ela acordava com gritos os netos.

— Maicon! Acorda e vai no mercado para a avó! Depois venha comer, vou ficar esperando você voltar!

— Dinei, levanta, vamos acordar! Tu tem que limpar o pátio, dar comida às cadelas, vamos lá! Pode levantar daí, a nona está preparando a comida.

Um certo dia, Maicon acorda e, como de costume, vai até a casa dela, querendo perguntar aonde ela teria ido, pois não tinha avisado que iria sair. Quando ele chegou no quarto dela, deparou-se com a avó em um estado muito grave, no qual o resto dos familiares não teriam percebido.

Ela já não respondia e mal respirava corretamente, mal conseguia olhar, devido a falta de ar. Então Maicon, apavorado com o que estava acontecendo, começou a gritar em busca de ajuda. Devido aos gritos e barulhos, seu vizinho o escutou e tirou o carro de sua garagem para a rua. Enquanto

isso, lá dentro da casa, Maicon, com muito medo, pegou-a no colo às pressas. Correndo, colocou-a dentro do carro e levaram-na para o hospital.

Depois do ocorrido, Maicon andava muito triste, abalado com tudo que ele teria presenciado e com uma enorme dor em seu peito. Até que, ao final daquela semana, ele recebe a notícia — não uma simples, mas sim a pior notícia da sua vida. Aquela pessoa que ele mais amava teria partido desse plano para um lugar melhor. Ela fez sua passagem em sua noite de sono sem dor, sem sofrimento.

Cada dia que passa para Maicon é um dia a mais que aumenta a saudade dos detalhes, conselhos, carinhos e risadas. Para ele, a saudade será eterna, não só em seu coração, mas também em sua alma.

MONIQUE

Por Mariele Simões Lemos

Monique é uma mulher de 32 anos que passou por algumas lutas e, na verdade, ainda passa. Mãe solo, tem uma filha de 14 anos e se dedica ao máximo para incentivá-la a ir sempre pelo caminho mais fácil do que o seu foi. Ela faz isso ao mostrar a realidade que enfrenta todos os dias, indo para o trabalho e estudando ao mesmo tempo. Às vezes, pensa em desistir de tudo e parar, mas lembra que seu sonho é ainda maior que seu cansaço. Pensa que logo começará a melhorar sua vida e que precisa passar por algumas lutas para alcançar a vitória.

Monique teve uma infância difícil. Ficou órfã quando tinha 15 anos e teve que aprender a ser adulta cedo. Tenho certeza de que ela não estava preparada para assumir tanta responsabilidade, mas ela tinha certeza de uma coisa: que ia sobreviver a isso tudo. Agora, mais madura, carrega muita experiência e sonha em cursar a faculdade de advocacia, que é um dos seus objetivos. Estudante, sabe que não será fácil sua longa caminhada. Às vezes, pensa que pode ser tarde para realizar seus sonhos, mas segue em frente com suas metas, deixando para trás pensamentos insanos. Tem poucos amigos, mas os que têm são os melhores.

No ano passado, Monique passou por situações bem difíceis. Passando necessidades com sua filha, não soube o que fazer e entrou em decadência. Não tinha forças para lutar sozinha e não queria mais viver neste mundo. Pensou até em tirar sua vida, mas não tinha coragem suficiente para isso. Sabia que tinha alguém que dependia dela e que não estava só. Isso a motivava a superar mais uma peça que a vida lhe pregou. Aos poucos, ela conquista suas coisas e luta todos os dias contra seus medos e pensamentos.

Monique não gosta de injustiças e detesta mentiras. Se

tiver que dizer que não gosta ou não está satisfeita com algo, fala na cara da pessoa. Tem um gênio bem difícil, mas um bom coração. Se alguém estiver precisando de algo, ela ajuda sem pensar duas vezes. Muitas pessoas não gostam dela, mas ela não liga, pois tem sua própria opinião. Não gosta de forçar simpatia com as pessoas e tudo tem que fluir naturalmente. Mas ela mudou muito nesses 32 anos de vida, ficando um pouco mais calma.

Quando ficamos mais velhos, começamos a perceber que certas coisas não podem ser para sempre iguais e, de alguma forma, precisam mudar. Se ela está neste universo, deve haver algum propósito. Ela se pergunta: por que passamos por certas coisas? Por que viemos à Terra? Qual o intuito de sua existência? Mas ser diferente é o que a faz especial. Cada um de nós tem suas lutas e histórias que merecem ser contadas.

UM DESAFIO E UMA ESPERANÇA

Por Pamela Palhano Menger



Ela se chama Fabi. Desde nova, ajudava sua mãe a cuidar dos irmãos. Enquanto sua mãe limpava a casa na manhã seguinte, Fabi ia para a escola.

Algum tempo se passou e Fabi fez 15 anos. Sua mãe perguntou a Fabi se ela queria morar com sua avó, pois sua avó precisava de alguém para ajudar. Então, Fabi aceitou morar com ela. Desde então, Fabi cuidou de sua avó e da casa, mas um dia a avó não estava muito boa de saúde. Sua tia a convidou para morar com ela, que pensou sobre o assunto.

Fabi aceitou ir morar com sua tia em Caxias do Sul, para ajudar a tia a fazer o futuro, mas a tia era rude e fez dela sua empregada, obrigando-a a limpar toda a casa. Fabi ficava triste com isso em sua vida e, um dia, foi procurar um emprego para ganhar seu “dinheiro e pão”. O tempo passou, e ela conseguiu um emprego. Ficou feliz e foi contar para sua tia, mas sua tia não gostou nada que ela fosse trabalhar. Mesmo assim, ela foi no seu primeiro dia de trabalho, mas passou alguns dias esperando na parada de ônibus, até que um homem, chamado Luís, a convidou para tomar um café. Ela aceitou ir com ele e tomaram café na cafeteria. Os dois conversaram e logo ficaram juntos.

Fabi foi morar com ele na casa da avó dele e, depois de casados, os dois quiseram ter um bebe. Fabi não conseguiu engravidar e, então, os dois adotaram uma menina que se chamava Pan. De repente, Fabi ficou grávida de outra menina, chamada Shay e seu marido ficou feliz ao saber que teria outra filha. Anos depois, Fabi ficou grávida de dois meninos, Michel e William.

Tudo estava bem, até o momento em que Luís não quis mais ficar com Fabi e ela foi morar com sua mãe. Tudo estava meio triste, mas Fabi e seus filhos não desistiram até que a vida melhorasse. No meio dessa caminhada, Fabi conheceu Rafa. Os dois se gostaram muito, ficaram juntos e Rafa conheceu os filhos de Fabi, Pan, Shay, Michel e William. Todos gostaram de Rafa, conhecido como o segundo pai deles.

Então, todos ficaram juntos e felizes. Com o tempo, Fabi ficou grávida de mais um menino, filho de Rafa, chamado Robinho. Anos depois, Pan deu um netinho a Fabi, que ficou muito feliz por ter um netinho! Depois de alguns meses, nasceu o Fabinho, e todos ficaram felizes. Pan também ficou feliz com seu filho.

Hoje, Fabi está feliz com sua vida, com seus filhos, netos e seu marido, Rafa.

“A vida é como um piscar de olhos da nossa vida.”